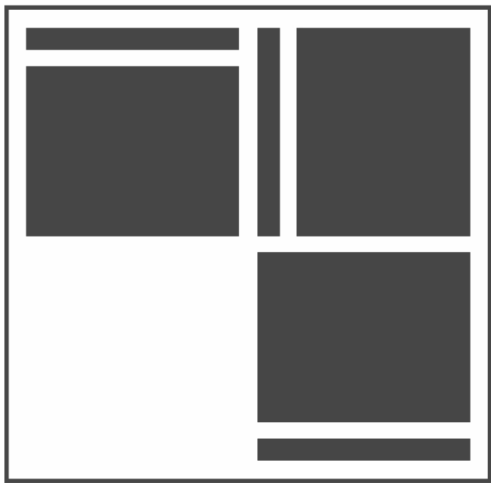




JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 104, dezembro - 20 / janeiro - 21

AS OITO RENAS

Danilo Gomes

Era uma vez, oito renas. Era uma vez, na Lapônia. Alberto Manguel é quem saberia contar esta história. Mas a este pobre escriba coube contá-la. Paciência!

Naquela noite de sábado, no silêncio da varanda atrás da casa, a TV desligada, Carminiano Sampaio tomava sua cerveja, com roupas velhas e largas e de chinelos. Comeu um pedaço de queijo canastra de meia cura; tomou outro gole de cerveja. Sua mulher dormia, no andar de cima. Os filhos se casaram e mudaram de pouso. Quatro netos.

A noite avançava e o frio de julho aumentava. Continuou bebericando e lendo um livro que o fascinava, sobre a Revolução Francesa, Luís XVI, Maria Antonieta, a queda da monarquia, o banho de sangue em que se transformou aquele radicalismo

insano, o Terror.

Quis pensar em tempos mais amenos, mais idílicos, longe da guilhotina e dos discursos sanguinários de Danton, Robespierre, Saint-Just, Marat, Desmoulins, Hébert.

Parou de ler.

Colocou no aparelho de som “As Quatro Estações”, de Vivaldi. Acendeu um charuto Suerdieck, da Bahia. Quis pensar coisas boas, situações de relaxamento, como o som da água descendo de uma pequena cascata.

Seu pensamento recuou no tempo. Como se sentisse o cheiro da goiaba no tacho ou do bolo chamado queca (de “cake”), que sua mãe fazia com insuperável perícia, lembrou-se, de repente, do Natal na sua terra, a pequena Santoral.

Continuação na página 4

À MANEIRA DE O. HENRY

Vera Lúcia de Oliveira

Nada pior do que a dúvida. Nem se trata aqui da dúvida hamletiana do famoso “Ser ou não ser”, mas até hoje não se sabe se o escritor norte-americano O. Henry, pseudônimo de William Sydney Porter (1862-1900), cometeu algum delito para ir parar na prisão por três anos. E foi lá que escreveu as mais deliciosas páginas da literatura. Das melhores que conhecemos. Lá, teve tempo suficiente para se dedicar ao ofício de contista de primeira linha, enviando suas histórias aos jornais com o pseudônimo que lhe ocultava a situação de prisioneiro. Falando assim, até parece que é necessário alguém ficar preso, isolado do mundo, para deixar fluir a imaginação e escrever boa literatura. Mas foi o que aconteceu com ele. Lembramos, no entanto, o que disse Rilke em sua *Carta a um jovem poeta*:

Mesmo que se encontrasse em uma prisão, cujas paredes impedissem todos os ruídos do mundo de chegar aos seus ouvidos, não lhe ficaria sempre sua infância, essa esplêndida e régia riqueza, esse tesouro de recordações? Volte a atenção para ela. (...) sua solidão há de alargar-se e transformar-se numa habitação entre lusco e fusco diante da qual o ruído dos outros passa longe, sem nela penetrar.

E ainda: “Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade.” Esta, sim, a verdadeira

razão de um artista produzir, escrever, como foi o caso de O. Henry: a necessidade de expressão.

Por que a maneira de narrar de O. Henry surpreende? Surpreende porque, no final do século 19, e começo do 20, o que predominava na literatura era a convenção, o formalismo, digamos assim, o texto obediente às regras da narração. Histórias, em sua maioria previsíveis, seguindo um manual. Mas O. Henry quebra a tábua das regras com sua irreverência, zombaria, graça, que torna o conto uma grande novidade, mesmo para os dias de hoje. Que inveja! Como se escrever fosse só uma brincadeira de contar casos emocionantes, como em “O presente dos Reis Magos”, em que um jovem casal, pobre como Jó, usa a imaginação para se presentear no Natal; outros divertidos, como o impagável “O resgate do Chefe Vermelho”, cuja graça fica por conta de um menino, um verdadeiro “capeta em forma de guri”, como aquele da antiga canção. Esse o seu segredo: fisgar o leitor desde a primeira frase:

Parecia uma coisa boa: mas espere até eu lhe contar. Estávamos no Sul, no Alabama – Bill Driscoll e eu – quando essa ideia de sequestro surgiu. Foi, como Bill expressou mais tarde, “em um momento de desvario mental temporário”; mas só descobrimos isso depois.

Continuação na página 4

O CAVALO RELÂMPAGO

Afonso Ligório

Relâmpago era o cavalo preferido de d. Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco. Com ele o Capitão fazia suas andanças em Olinda nos primeiros tempos da fundação de Pernambuco. Ninguém mais na vila, além do donatário, montava em Relâmpago, exceto o indiozinho Auetê.

Todos os dias Auetê levava Relâmpago ao pasto próximo do riacho Parnamirim, onde dava de beber e soltava o animal.

Na baía, ao cair da tarde, Relâmpago relinchava à aproximação do menino na hora certa do alimento.

O alazão era admirado pelos moradores da vila, que sonhavam possuir cavalo igual.

Auetê não usava sela. Sentia-se bem ao contato com o pelo sedoso e o galope suave de Relâmpago. O cavalo parecia levitar a caminho do pasto. A impressão era de que não tocava as patas no chão.

Auetê só ia ao estábulo para oferecer liberdade e alimento. Relâmpago parecia compreender. Escoiceava à aproximação de estranhos e ficava dócil na presença do menino.

Na pastagem, após retirar o cabresto, tangia o cavalo com delicadeza, deixando-o livre. Relâmpago batia com a pata no chão, rolava sobre o próprio corpo antes de sair correndo pelo campo, como a saudar a liberdade.

Auetê aproveitava para mergulhar no riacho. Gostava daquele banho.

A última vez que levou Relâmpago ao pasto, a tarde estava abafada em Olinda. A água fria do riacho era um convite. O menino fez mergulhos sucessivos, mais que de costume.

Súbito pensou em Relâmpago. Olhou em torno e não o localizou. Saiu da água apressado a procurá-lo. A busca se prolongou até anoitecer. Nada. Quase desesperado voltou para casa. Não sabia como informar o acontecido. Logo o cavalo de D. Duarte!

Continuação na página 6

SEU FILHO GANHOU O CACHORRO

Cristina Umpierre

Sou uma mãe de família que trabalha o dia inteiro e não tem empregada doméstica. Moro em apartamento com meu marido e meu único filho. O problema de ter filho único é que ele é... único! Não tem irmãos para brincar (nem para brigar). E aí entra a conversa do "me dá um cachorro!"

Os dois (marido e filho) levaram anos tentando me convencer a adotar um cachorro. Para mim, isso estava fora de cogitação, pois eu via num cachorro uma fonte de muito trabalho, de incômodos, de sujeira. Ou seja: eu não queria "sarna para me coçar".

Eu, firme, durante muito tempo fui "cozinhando o cachorro em banho-maria". Até que...

Meu filho já estava com oito anos (e sem cachorro) quando, num belo dia de sábado, na feira anual de ciências do colégio, nós o vimos. Era um cachorrinho preto e branco bem pequenininho. Ele estava sendo rifado por apenas um real no estande da 8ª série, a fim de "fazer dinheiro" para a formatura dos meninos. Na ocasião, eu acabei comprando a rifa, depois de muita insistência do meu filho (e com muito receio de ganhar o bichinho, confesso).

Bem... o que você acha que aconteceu? No dia seguinte, o menino, dono do cachorro, nos telefonou para dar a sentença: meu filho havia sido o "sortudo" a ficar com o bichinho. Quase desmaiei de susto e desespero!!!

Bem, agora, o jeito era me acostumar com a ideia, mas não sem condições. Veja como ficou o acordo:

— O cachorro iria "morar" na área de serviço. Ou seja: estava terminantemente proibido de circular pelo apartamento.

— Eu não iria "mover uma palha" pelo animal. Não iria descer com ele para passear, não daria banho, nem ao menos iria alimentá-lo. Essas tarefas ficariam a cargo de meu filho ou seriam divididas entre ele e meu marido.

— Eles (e somente eles) iriam limpar a sujeira eventualmente produzida pelo cachorro.

— Se o cachorro começasse a dar muito trabalho, RUA!

Adivinhe: as condições foram aceitas, é óbvio. Agora vinha a segunda e pior parte: pegar o cachorro.

Soneto do Mês

SERENIDADE

Adelmar Tavares



Nunca de mim se ouviu um só protesto de maldição, de cólera aturdida, sequer uma palavra, ou mesmo um gesto de malquerer a quem mais quis na vida.

Arrasto, como a um fardo, a alma ferida, e a dor que me crucia, manifesto, sem jamais inculpar de fementida aquela que em meu sonho amo e requesto.

Em perdendo-a, perdi toda a alegria do coração que em mágoas apunhalo. Perdi a luz!... Fechou-se o sol que eu via!...

Tudo abateu com a queda desse amor, tão forte, que ainda sinto o seu abalo, tão grande, que ainda escuto o seu fragor.

(Seleção de Napoleão Valadares)

POEMAS

Anderson Braga Horta

O QUE DIZ A NOITE

Que diz a noite profunda?
Diz "não" às almas convulsas,
que não entendem de paz.

Que diz a noite profunda?
"Talvez" – ao triste filósofo
sumido em dúvidas.

Que diz a noite profunda?
Diz "vem" ao poeta envolto
em chamamentos de amor.

Que diz a noite profunda?
Diz "dorme" ao órfão cansado
de andar em sonhos no mundo.

Que diz a noite profunda?
O todo, o nada.

FLÂMULA

Uma folha dobrada no cimento da área,
a dobra superior arfando suavemente. Apuro
o olhar sobre a bailarina que ao chão
recolhe o passo com delicadeza.
Era uma borboleta estampada.
Agora é uma flama que tremula.

Admiro compungido
a cena final de seu balé.

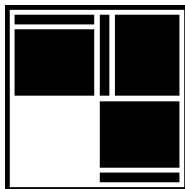
A simpleza da vida.

O mistério da vida.

O desamparo da vida.

BORBOLETA AMARELA

Um raio de luz
voando
atarantado no quintal.



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 104 – dezembro - 20 / janeiro - 21

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

BARRADOS PELO EYJAFJALLAJÖKULL

sôniahelena

Para Cauê e Cleo

Sim, pelo Eyjafjallajökull (eia-fiátla-iocuti). Esse é seu nome. Impronunciável, eu sei, mas é assim.

Era 2010, o mês, abril. Havíamos saído de Brasília num domingo para ir a Roma assistir ao casamento de uma sobrinha do Luiz Alberto, no sábado de duas semanas depois.

A Denise, nossa filha caçula, estava conosco. Como era a sua estreia na Europa, programamos um pequeno giro: 3 dias em Lisboa, 4 em Paris, 2 em Mônaco, e chegar a Roma na quinta-feira, antevéspera do casamento.

A primeira parte do roteiro transcorreu muito bem; fizemos uma viagem tranquila, divertimo-nos bastante em Lisboa. Nos três dias que lá passamos, visitamos os principais pontos turísticos, ouvimos um fado magnífico, comemos um bom bacalhau, tomamos excelentes vinhos e não faltaram nem o Porto nem o Pastel de Belém, obrigatórios para quem faz seu *début* em Portugal.

Na quinta-feira de manhã, dia 15, deixamos o hotel para seguir viagem até Paris. Chegamos ao aeroporto por volta das 9 horas e nos assustamos; nunca havíamos visto o terminal de passageiros tão cheio. As filas eram imensas e a agitação geral, incomum. Pessoas gritavam, gesticulavam, choravam, umas muito agitadas, outras completamente abatidas, muitas com uma expressão de completa desesperança.

Foi então que soubemos que nos céus da Europa nenhum avião podia voar. O espaço aéreo europeu estava todo interditado. Apenas o Eyjafjallajökull lançava suas lavas com todo desembaraço, sem qualquer constrangimento ou cerimônia por interferir na vida de milhares de pessoas.

O mundo parou. Se ninguém podia chegar ou sair da Europa... Cirurgias foram canceladas, órgãos doados não puderam salvar vidas, oportunidades de emprego foram perdidas, casamentos não aconteceram, os mais variados negócios não se concretizaram, compromissos de toda ordem tiveram de ser reagendados...

Nenhum avião decolava na Europa; nenhum avião pousava na Europa. E não havia qualquer previsão de quanto tempo isso duraria; só quem poderia dizer era o vulcão islandês de nome impronunciável, que só falava por meio de suas lavas sem informar coisa alguma.

E nós tínhamos de chegar a Roma para as bodas. O que nos restava fazer? Voltar para a cidade, hospedarmo-nos em um hotel e esperar a ver se conseguiríamos um voo para chegar a tempo? Desistir do casamento e da programação feita e passar dez dias circulando pelas estradas lusitanas para conhecer melhor Portugal? Tentar seguir viagem por terra, alugando um automóvel? Sim, porque trem era inviável; àquela altura, todas as passagens já estavam vendidas.

Decidimos pelo automóvel e fomos a uma das locadoras situadas no próprio terminal do aeroporto para tentar uma locação. Depois de enfrentar uma fila considerável, conseguimos alugar um carro médio para ir até Sevilha, na Espanha, onde deveríamos entregá-lo. Seguir além com ele nos obrigaria a pagar uma “taxa internacional de retorno” mais cara que as 3 passagens que havíamos comprado para fazer todo o giro inicialmente programado e, então, abortado.

Após todos os trâmites burocráticos, conseguimos sair do aeroporto por volta das 16 horas. Como era primavera, já se aproximando o verão, os dias se alongavam e conseguimos viajar um bom tempo com a luz do sol. Seguimos em direção ao sul e passamos por regiões bem diversas, tendo cruzado longos trechos plantados com sobreiros, árvore da qual se extrai a cortiça. Avançamos até Badajoz, na Estremadura espanhola, cidade histórica e universitária, com um centro antigo muito bem conservado. Dormimos aí e seguimos na manhã seguinte para Sevilha, onde chegamos por volta das 13 horas.

Fomos diretamente ao aeroporto da cidade, onde deveríamos entregar o automóvel. Soubemos que haveria um outro carro disponível para continuarmos a viagem até a fronteira com a França e, ali, fazer nova troca de veículo.

Decidimos, antes, verificar se os voos já haviam sido reestabelecidos. O saguão do aeroporto estava cheio, não tanto quanto em Lisboa, mas igualmente confuso. Nada havia mudado; não havia voos possíveis nem previsão de quando eles retornariam, porque o vulcão ainda estava ativo. Mas a senhora do balcão de informações nos perguntou qual era o nosso destino e quando dissemos Nice, porque Paris já havia sido cortado do nosso roteiro e pretendíamos chegar a Mônaco, ela nos mostrou um grupo reunido no meio do saguão e disse:

– *Aquele grupo ali é de italianos que decidiram alugar um ônibus para Gênova. Deveriam ter retornado para a Itália ontem de manhã e isso ainda não é possível por via aérea. Quem sabe não há alguns lugares sobrando e vocês podem seguir com eles?*

Agradecemos e nos dirigimos ao grupo. Cumprimentei um dos senhores que parecia organizar as coisas e lhe contei a informação que a senhora nos havia dado, perguntando-lhe se seria possível nos unirmos a eles na viagem. Disse-lhe que, na verdade, nosso destino era Nice, mas que se pudéssemos ir até Gênova, estaríamos muito mais perto e poderíamos retornar de trem até Nice.

Ele nos perguntou quantos éramos e ao lhe dizer que éramos três, ele me disse:

– *Temos quatro lugares livres no ônibus, mas nós vamos para Gênova e não nos desviaremos da rota para levá-los ao seu destino, porque já estamos muito atrasados em relação ao que havíamos programado e temos trabalho nos esperando. Mas a estrada passa perto de Nice. Se quiserem vir conosco, poderemos deixá-los o mais próximo possível da cidade e vocês tentam conseguir um meio de chegar lá.*

Perguntei quanto custaria cada passagem e ele me deu o valor, dizendo que deveria ser pago ali, naquela hora, e que o ônibus sairia do terminal mesmo às 17 horas. Se quiséssemos ir, deveríamos encontrar-nos com eles no mesmo ponto em que estávamos, às 16h30.

Consultei o Luiz Alberto e a Denise. Era pegar ou largar. Decidimos arriscar-nos. Paguei o valor pedido e resolvemos ficar por ali até a hora do embarque. Em uma lanchonete, fizemos uma refeição rápida, lemos um pouco, e à hora aprazada, estávamos prontos para mais um trecho de estrada.

Saímos de Sevilha, dirigimo-nos para a costa espanhola, que percorremos toda. Cruzamos parte da Andaluzia, toda Castilla e Mancha, a Catalunha inteira e parte da Provence e da Riviera francesa sem ver uma pequena vila sequer. Era noite. Sempre por uma estrada que acompanha o litoral mediterrâneo, chegamos a Nice. A estrada passava nos limites da cidade, já em área urbana periférica.

Saltamos ali, agradecemos e nos despedimos. O ônibus seguiu viagem e nós três nos vimos, à beira da estrada, cansados, com o rosto amarrotado depois de uma noite sem dormir, cada um com uma mala do lado e uma bolsa na mão. A Denise olhou para um lado, para o outro, pensou um pouco e com uma risada declarou:

– *Eu poderia imaginar qualquer coisa na minha primeira viagem à Europa, menos que sairia do Nordeste do Brasil para vir ser retirante na Côte d’Azur.*

Foi o suficiente. Pusemo-nos os três a rir e decidimos que nossa temporada europeia iria valer a pena. Saímos a caminhar pelas ruas próximas a ver se conseguiríamos um taxi que nos levasse a algum hotel, onde pernoitaríamos uma noite e no dia seguinte ir para Mônaco, onde tínhamos reserva a partir do domingo, e ainda era sábado. O Luiz Alberto propôs que

esperássemos com as malas e ele daria uma volta para conseguir um táxi. Enquanto aguardávamos, a Denise me disse:

– *E se tentássemos antecipar a reserva no hotel em Mônaco para hoje? Se ninguém está viajando, pode ser que haja vagas.*

Dito e feito. Achamos uma cabine telefônica bem perto de onde estávamos e eu liguei para o hotel, consultando sobre a possibilidade de antecipação da reserva. Não houve problema. Só faltava o Luiz Alberto com o táxi que, a essa altura, nos levaria, não mais a um hotel e, sim, ao aeroporto para pegarmos o ônibus que vai a Mônaco. Só que ele não chegava; esperamos quase uma hora. Quando chegou, nos explicou que havia batido à porta de uma creche a pedir para fazer uma ligação telefônica e chamar um táxi e a proprietária, muito solícita, não só lhe franqueou o telefone como resolveu mostrar-lhe a creche toda.

Chegamos ao aeroporto, cujo terminal de passageiros estava deserto. Havia dois senhores atrás de um dos balcões de *check-in*, que nos informaram que a situação continuava a mesma. O único fato novo era que, desde a tarde anterior, alguns aviões militares faziam sobrevoos para que a lava dispersa no ar se depositasse na fuselagem dos aviões e eles a trouxessem para exames em laboratórios que pudessem verificar o grau de risco que elas apresentavam. Descobrimos, então, o grande problema: o vulcão islandês de nome impronunciável não entrava em erupção desde o início do século 19 (a última vez havia sido entre 1821 e 1823, tendo durado dois anos) e expelia uma lava, cuja composição química era desconhecida. O receio de que ela pudesse corroer ou causar algum dano sério às turbinas ou à fuselagem dos aviões é que levava à paralisação total do tráfego aéreo nos céus europeus.

Tomamos o ônibus e seguimos para Mônaco. Ao chegar ao hotel, nos registramos e, ainda na recepção, pedimos que a nossa bagagem fosse levada aos quartos porque iríamos à *gare* comprar as passagens para Roma. Queríamos garantir logo esse trecho da viagem; com os aviões parados, a procura pelos trens aumentara muito. O recepcionista nos desejou boa sorte, afirmando:

– *Tomara que consigam, porque os ferroviários entraram em greve ontem.*

Olhamos um para os outros e rimos de novo. O recepcionista não entendeu.

Chegando à estação ferroviária, perguntei se seria possível conseguir passagens para Roma. O vendedor perguntou-me para quando. Eu lhe disse que teríamos de estar em Roma na sexta-feira. Ele, então, disse:

– *Vocês têm sorte porque acabo de receber a informação de que, por causa do caos aéreo, os ferroviários decidiram fazer uma viagem para Roma justamente na sexta-feira. Só que não será direta, no trem de alta velocidade. Vocês terão de fazer conexões em Ventimiglia, Gênova e Florença, antes de chegar a Roma, com espera em cada uma das paradas. Isso significa uma viagem de 12 horas.*

Mas chegaríamos a Roma na sexta-feira, às 18h30’, a tempo de assistir ao casamento da sobrinha do Luiz Alberto.

Compramos as passagens, voltamos ao hotel e ligamos para a mãe da noiva, avisando que conseguiríamos chegar. Ela deu pulos de alegria porque estava aflitíssima sem saber onde estávamos e se chegaríamos. Havia tentado falar conosco em casa, no Brasil, mas ninguém atendeu, por óbvio.

Foi assim que conseguimos, depois de uma percurso ao estilo “pau-de-arara” na Riviera francesa, fazer uma viagem “pinga-pinga” por várias cidades, de Mônaco a Roma.

Poliana que sou, estava feliz porque ganhei, de bônus, um tempinho a mais em Mônaco, a cidade que eu escolheria para viver.

Continuação da página 1

AS OITO RENAS

Danilo Gomes

Via-se menino, esperando a passagem de Papai Noel pelas casas de Santoral, na década de 1940. Acreditava nele, piamente, e no presente que deixaria naquela noite encantada: um pequeno caminhão de madeira ou uma piorra ou uma pequena sanfona de papelão, um brinquedo qualquer colocado no sapato pelo pai ou pela mãe (o que ele só saberia muitos anos mais tarde). Papai Noel era, então, um personagem real, que morava num país frio e distante – talvez Lapônia –, que na noite de 24 de dezembro percorria o mundo distribuindo presentes para as crianças. Vinha o velho gorducho e sorridente sentado num estranho veículo chamado trenó, arrastando atrás de si aquela montanha de brinquedos e guloseimas.

Carminiano Sampaio tomou mais um gole de cerveja, estava ouvindo a estação vivaldiana do inverno e pitando seu charuto, quando tentou se lembrar dos nomes das oito renas que puxavam o trenó. Não se lembrava de nenhum. Jamais se lembraria daqueles nomes lidos em livros tão

antigos. Desistiu, pensou em outras coisas. Releu algumas páginas do “Livro Tibetano dos Mortos”.

Naquele começo de madrugada de frio Carminiano Sampaio mergulhou no sono, depois da cerveja, do charuto, da leitura.

Lá pelas tantas, quando solitários galos cantavam saudando a manhã que iria raiar, o arrebol, o dealbar, o crepúsculo matutino, a aurora prestes a se abrir em rosicler e púrpura, Carminiano Sampaio ouviu vozes. E um galopar de renas sobre o gelo, e o tilintar de pequenos sinos muito antigos. E uma voz rouca mas alegre, de um avô meio cansado de viagem, declarou que aquelas renas, suas velhas companheiras, tinham nomes.

E enquanto os galos saudavam o novo dia, o bom velhinho nomeou as renas uma a uma: Dasher, Dancer, Prancer, Vixen, Comet, Cupid, Donner e Blitzen. Eram as renas voadoras. A voz era a de quem criara essas míticas personagens que o imaginário popular consagrou numa história chamada “Uma visita de Saint Nicholas”. A voz de Papai Noel era a voz de C. Clement Moore e o ano era 1823, o ano daquela história.

O canto dos galos, o galope das renas, o encantamento de Vivaldi, a fantasia do bom velhinho presenteador, tudo isso fazia de Carminiano Sampaio um homem feliz mergulhado nas sombras de um sonho. Ele sentia no ar, ainda ao longe, o sonoro galope das renas. Era bom ouvir esse som, acompanhado de sinetas muito leves, como címbalos.

Era o último sonho, o derradeiro sono de Carminiano Sampaio. O tempo corria sem piedade, sem misericórdia. Aos 78 anos, a hora de sua morte se aproximava, longe de Santoral. A hora do réquiem. Ao longe, os derradeiros sons da cavalgada etérea, quase sideral, daquelas renas da magia, as totêmicas renas de Santa Klaus, Saint Nicholas... Para onde iria a alma de Carminiano Sampaio?

Outra vez menino em Santoral, numa volta à infância, mergulhado de novo na luz da aurora de sua vida, e ouvindo pela última vez os sinos das velhas igrejas do século XVIII, Carminiano Sampaio entregou a alma a Deus Nosso Senhor.

À MANEIRA DE O. HENRY

Vera Lúcia de Oliveira

Continuação da página 1

Como vimos, o narrador em primeira pessoa, também personagem, já adianta que a história que ele vai contar deu errado. É muito engraçado isso. E, mais que moderno, é pós-moderno: quebra a expectativa, antecipando algo que nas narrativas tradicionais só seria revelado na hora certa. Esse humor é, como dissemos, pós-moderno, pois a ideia é brincar com a narrativa e com o leitor num jogo combinado de esconde-esconde, de divertido fingimento. O conto mencionado em tudo atrai: desde as comparações inusitadas (*A criança era um menino de dez anos, com sardas em baixo relevo e cabelo da cor das capas de revistas que você compra na banca quando vai pegar um trem.*) Que cor é essa? Seria a nossa “cor de burro fugido”?, passando pelas liberdades da língua oral (*dassent* em lugar de “doesn’t”), ou construções que fogem ao padrão da língua inglesa culta (*You was* em lugar de “You were”), como observa o tradutor Gil Reyes, da *Coleção Folha de São Paulo* (bilingue), da qual o presente conto faz parte, volume 30, fechando-a com chave de ouro – usando aqui um chavão que O. Henry jamais usaria. Chavão não era com ele.

Mas, para quem quiser conhecê-lo melhor, a sugestão é a leitura de *Os melhores contos de O. Henry*, (SP: Circulo do Livro), com tradução de José Paulo Paes, poeta e excelente tradutor, e de Alzira Machado Kawall. Nesse volume, destacamos o extraordinário conto “A última folha”, em que o autor nos leva ao sublime com a sensibilidade do artista que ele foi, minimalista, trazendo o drama da vida de uma jovem doente, já desesperançada, salva, no entanto, pela arte de um homem generoso. Conto digno de Dostoiévski pela humanidade,

delicadeza e emoção. Como se seguisse também as lições de Rilke, esse conto, especialmente, “sob a influência das coisas graves” – como falar da vida e da morte – abandona a ironia transformando-a “num instrumento sério”. Assim fez o autor norte-americano que soube mudar o tom do texto quando o tema o exigiu.

Esses contos mostram o porquê de O. Henry ter caído nas graças dos leitores tornando-se popularíssimo (somente a crítica torcia o nariz para ele). São histórias que traduzem o cotidiano da vida americana com um olhar generoso, de simpatia pelo cidadão comum e sua vida ordinária, com humor, poesia e comiseração. Segundo Paes, os anos passados na prisão foram uma dura experiência transfiguradora (assim como a de Dostoiévski, acrescentamos), pois, no convívio com criminosos e marginais, foi capaz de conhecer de perto a vida real, transformando-se num verdadeiro escritor, cheio de compaixão pelos fracassados e oprimidos. Deixou mais de quinhentos contos, falando de gente comum: moças sonhadoras, pessoas solitárias e esperançosas, vagabundos inofensivos que aceitaram o seu destino com bom-humor, e de pessoas que ele via da sua janela em Nova York, cidade onde vivia e que muito amava. É admirável a sua capacidade de invenção, a sua grande criatividade e força literária, que é, no fim das contas, o que separa uma obra de grande valor de uma medíocre. A força narrativa aliada à leveza é, talvez, o segredo da originalidade e de seu sucesso como escritor, reconhecido mundialmente, e hoje considerado um dos maiores da literatura norte-americana. Leitura obrigatória.

BRASÍLIA

João Viana de Oliveira

Além da barreira
de dois mundos
o vidro

Por trás da translúcida
proteção
o vento

Atrás da inconsútil
vestimenta
de ar e ar
a paisagem

E nesta
o lago
reflexo verde
de desengano
do azul.

CIÚME

Ronaldo Costa Fernandes

Os relógios de goma arábica,
os telefones sem bocal,
os risos ao longe – de que falaria eles?

os papéis amassados das dúvidas,
o silêncio das escutas.

ESTILHAÇOS

Gilmar Duarte Rocha

J.J. Milestone vivia sozinho em um prédio de apartamentos situado na zona central caquética da grande cidade decadente. Seus vizinhos eram desempregados; aposentados de baixa renda; imigrantes ilegais e jovens viciados de origem nobre, assim como ele, que, embora não fosse viciado por entorpecentes, era um sujeito indolente, alheio à vida e ao mundo; blasé; insensível aos problemas alheios e também adicto. Só que ele tinha outro tipo de vício. O seu universo se resumia aos jogos cibernéticos violentos; às lutas marciais a que assistia na TV madrugada a dentro e a consumir caixas e caixas de latas de cerveja. Vez ou outra, sacava o celular alternativo para discutir com os comparsas da torcida organizada de futebol qual seria a estratégia da semana para trucidar os rivais, delinquentes também e torcedores de outro clube. O apartamento de J.J. era amplo. Três quartos, uma sala, uma antessala, dois banheiros, uma cozinha e área de serviços espaçosa. Mas a mobília se resumia a uma grande e solitária TV na sala; duas almofadas; um colchão velho, uma geladeira caindo aos pedaços, um potente computador portátil e dois celulares de última geração.

Num sábado à noite, assistindo ao costumeiro programa de lutas de gladiadores modernos; hora que não tirava o olho dos jatos de sangue que jorravam da tela, e que não largava a lata de cerveja da mão, ele ouviu um enorme estrondo no prédio, seguido de estilhaços de vidro quebrado e barulho de coisas rolando pelas escadas, no lado de fora do seu apartamento. Seguiram-se gritos de pessoas; passos apressados escorregando pelas escadas; raios, lampejos e clarões tremeluzindo através do amplo vitral da janela da sala desprovida de cortinas; sirenes insistentes de ambulância e de polícia que começavam a estacionar em frente ao prédio:

— Devo ou não abrir a porta, J.J.? — inteiramente ébrio, ele questionava ao seu alter ego. Fez até certo esforço para se levantar. Deu dois passos em direção à porta; parou por um instante e soltou a palavra que se esperava dele numa ocasião como aquela: “Danem-se”. Dito isso, rastejou até o quarto e — não obstante todo o caos que ocorria no prédio naquele instante — desabou no colchão e caiu em sono profundo.

Acordou na manhã seguinte, um domingo, com o barulho incessante de batidas em sua porta e gritos frêmitos de pessoas estranhas.

A cabeça de J.J. pesava dez arrobas àquela hora da manhã. Ele mal conseguia ficar de pé. Até que não era uma pessoa obesa. Pelo contrário, possuía braços, pernas, pescoço de dimensão mediana. Mas, dado ao consumo desregrado de álcool e ao péssimo hábito alimentar que cultivava, detinha uma barriga de proporções catastróficas e que lhe dificultava os movimentos sobremaneira. Naquela manhã, em especial, estava de mal a pior. Arrastou-se do jeito que podia até a sala; fez forças para se levantar e abrir o trinco da fechadura:

— Por que o senhor não atendeu à ordem de evacuar? O prédio pode desabar a qualquer momento — um oficial do corpo de bombeiros aplicou-lhe uma reprimenda, e, em sequência, uma ordem — cuide rapidamente de pegar os seus pertences e abandonar o local agora mesmo. Ah — o militar fez um adendo

—, embora ache que não, mas certifique-se de que a cabeça de uma pobre vítima do andar superior não caiu em algum lugar do seu apartamento.

J.J. ouviu aquilo com estupefação. Assim que fechou a porta, prometendo ao militar que iria providenciar a saída urgente do imóvel, girou o dedo indicador em torno da têmpora insinuando que o bombeiro havia perdido o juízo. Então uma sede descomunal arrebatou o seu corpo desidratado e ele trotou cambaleante até a cozinha. Colocou a boca embaixo da pia; abriu a torneira; esperou a água cair e água não veio. O sedento esquecera que houvera um acidente grave no prédio e que o sistema hidráulico sofrera pane. Não se deu por vencido e se arrastou até a pia da área de serviços. No caminho, tropeça em algo:

— Droga! Quem jogou essa cabeça aqui na minha cozinha?

Paro um instante para tirar o leitor por um momento dessas linhas; transportá-lo como se estivesse numa grua até o teto da cozinha e visse a cena de cima para baixo:

A cabeça careca de um homem em estado de assombro;

a barriga avantajada do assombrado na frente dele;

mais embaixo, na frente da barriga, uma cabeça solitária estatelada na laje fria, com sangue ainda respingando do pescoço estraçalhado.

J.J. ficou paralisado por um instante. Com os olhos arregalados reconhecia naquela cabeça a figura do seu desafeto do andar superior, o boliviano Trujillo, homem insuportável, que passava as noites batendo com o cabo de vassoura no seu teto, pedindo para que ele reduzisse o som sempre alto da sua TV, que invariavelmente varava a madrugada.

Imediatamente lembrou-se do que o bombeiro lhe dissera há pouco. Olhando para a janela da área de serviços com os vidros quebrados, se deu conta, enfim, que o acidente no prédio lhe deixara um legado. Um legado macabro. Sem saber o que fazer, andou de lado para o outro, coçou a cabeça raspada (a dele) e resolveu que daria um sumiço na cabeça cabeluda largada no chão (a do boliviano).

Pegou a cabeça do estrangeiro pelos cabelos lisos e negros, andou celeremente até o banheiro do seu quarto, subiu no assento do vaso, puxou a alça do basculante e olhou para baixo, para ver se no estreito beco lateral ao prédio havia alguma pessoa passando naquela hora. Não havia. Ótimo. Arremessou a cabeça no ar, no segundo andar do prédio (o andar do apartamento dele), e respirou fundo. Aliviado. Aliás o alívio veio a tempo, pois os bombeiros voltaram à carga e praticamente ameaçavam arrombar a sua porta. “Calma, calma. Estou indo”, gritou com misto de desafogo e ansiedade. No trajeto até a porta de saída foi pegando o que lhe vinha à vista. O celular; o outro celular; o notebook; e quantas latas de cerveja cabiam na sua mochila. Desceu, ainda atordoado, as escadas escuras e estreitas do prédio imundo e, para sua surpresa, se deparou com um mar de jornalistas na frente do prédio.

“Ei, senhor”, intercedeu um repórter, “qual o motivo de ter resistido em sair do prédio?” O jornalista o pegou literalmente de calças curtas. Desnortado, sem saber o que falar, tentava escapar do mar de pessoas, até que uma pessoa bateu no seu ombro. Quando ele

se virou, viu o mendigo que ele expulsava a chutes e pontapés todo santo dia debaixo da marquise do seu prédio que agora estava prestes a desabar. O mendigo sem juízo, com problemas mentais, desdentado, de cabelo desgrenhados e olhos profundos, entregou-lhe, ingenuamente, uma coisa enrolada em papel de jornal:

— ESSE TROÇO CAIU DO SEU APARTAMENTO. O SENHOR DEVE PRECISAR DISSO.

Todos os holofotes, olhos, câmeras, máquinas, aparelhos, armas, vetores, se voltaram para uma só criatura que segurava desconcertadamente um estilhaço muito esquisito nas mãos.

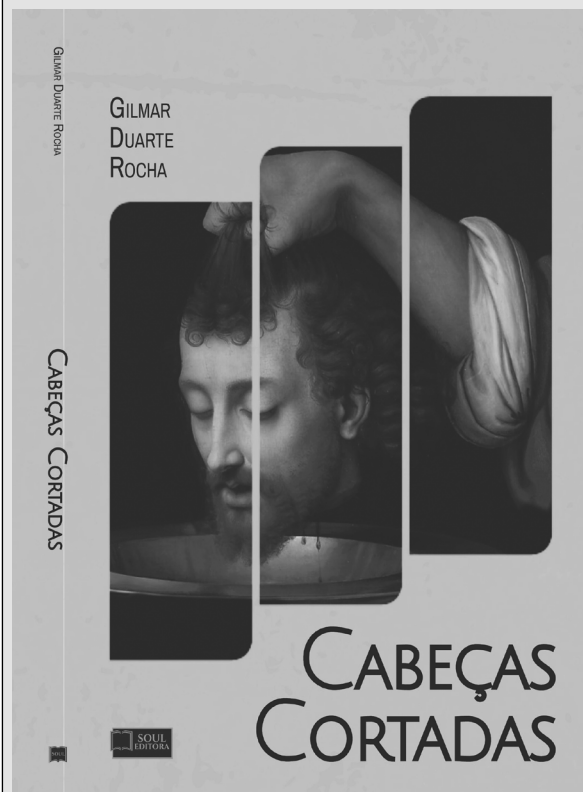
LANÇAMENTO

2020

ROMANCE DO ESCRITOR

GILMAR DUARTE ROCHA

DISPONÍVEL BREVEMENTE NA
AMAZON, SUBMARINO E OUTRAS
PLATAFORMAS DE VENDA



"Poucos romances no Brasil lidam com temas de Estado que envolvam instituições das áreas civis, policiais, militares, ou ligadas ao Governo Federal.

Em outros países, é muito comum contar histórias ricas em tramas e teorias da conspiração usando essas instituições. Elas alimentam o imaginário popular, sem destruir ou difamar o funcionamento das organizações democráticas. A narrativa instigante de *Cabeças Cortadas*, de Gilmar Duarte Rocha, explora os meandros de Brasília, o submundo do poder e suas influências políticas. Com uma história inusitada, ambígua, e até mesmo divertida, é um trabalho raro na arte literária do Brasil."

MAMIRAUÁ

Mauro de Albuquerque Madeira

MAMIRAUÁ, sonho de um mundo silvestre,
Em que a mão do homem se tenha posto suavemente,
Apenas para torná-lo habitável nas casas flutuantes,
Sobre toras de açacu, construídas de piranheiras,
Na harmonia da vazante e da cheia do lago, dos rios.
A várzea se inunda, cobrindo doze metros de troncos
de apuis e mungubas.
Os guaribas e macacos de cheiro, preguiças e uacaris,
quatis e maracajás
Oscilam nas copas das árvores, colhendo frutos, folhas,
insetos.
Embaixo, jacarés, botos, pirarucus, aruanãs, patos e
socós navegam,
Pescam, mergulham e sussurram respiros à flor d'água,
Corpos luzidios, aerodinâmicos, na paz evolutiva de
milhões de anos,
Que conviveram com seu ambiente reposto para as
novas gerações.
Será que somente os humanos se viciam na arte suja
De destruir a natureza que os sustenta ?

Nem sempre foi assim. Os índios conviveram com a
floresta, a várzea, as águas.
Os caboclos ribeirinhos pescam, caçam, fazem casas
de pau a pique
Nas beiradas oscilantes, moradias fluviais que sobem
e descem com as águas.
Mamirauá preside à coexistência de cientistas, biólogos,
antropólogos, zoólogos,
Botânicos, ecólogos com os sábios ribeirinhos, que lhes
nomeiam as plantas
E bichos, a que os pesquisadores catalogam e dão nomes
científicos.
Os nomes populares só os caboclos conhecem.
É bom ver a harmonia da ciência e das populações
tradicionais.
A beleza acobreada das caboclas de olhos amendoados
e cabelos lisos, pretos
Revela a genética indígena de milhares de anos
Com um pouco de sangue nordestino da era da borracha.
É possível conviver com a floresta sem destruí-la.
Até turistas podem embeber-se de verde e silêncio,

Placidez de águas, calmaria de jacarés, bulício de botos,
Mergulhos verticais de martim – pescador,
Pescoços de marreco emergindo d'água com o peixe
no bico,
Corpos submersos, como se fossem cobras em transição
para aves.
A floresta tem de sobreviver, manter-se livre da
monocultura,
Livre da soja, da pecuária, dos madeireiros, dos
garimpeiros,
Dos grileiros e mineradores capitalistas, que só pensam
em exportar,
Degradar, destruir a biodiversidade para vender
mercadorias.
Eles não veem o verde, só o dólar.
São intrusos do asfalto, do concreto, do ar condicionado.
Se os animais e plantas evoluíram por milhões de anos
E nos legaram a floresta, por que os homens da
modernidade
Acham que podem destroçá-la em troca de pasto, soja
e deserto?

A VOLTA DAS QUINTAS LITERÁRIAS

Prezados associados da ANE,

Após exatos oito meses de recesso forçado por circunstâncias indesejáveis e incontornáveis, a ANE retomará, na próxima quinta-feira, 12 de novembro, uma de suas atividades mais tradicionais e relevantes, as Quintas Literárias. Ouvido o Conselho Administrativo e Fiscal e adotados os necessários (e indispensáveis) protocolos e cautelas de segurança que ainda se impõem, contaremos, no ansiado retorno, com palestra de nossa associada e dirigente Sônia Helena, sob o título “Um certo magistral Veríssimo”. Após a apresentação, a querida palestrante lançará, no próprio Auditório Cyro

dos Anjos, seu livro *Busque as Setas e Vieiras* (De Porto a Santiago de Compostela, impressões de caminhante).

Conto com a compreensão, o apoio e o prestígio de suas presenças, na certeza de que, separados compulsoriamente por tão prolongado lapso de tempo, nosso reencontro constituirá momento de júbilo fraternal, a ser para sempre lembrado em nossos corações e mentes.

Peço que recebam, com um esperançoso até breve, os abraços (virtuais) mais cordiais do

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente

O CAVALO RELÂMPAGO

Afonso Ligório

Continuação da página 1

— Relâmpago fugiu, desapareceu.

Foi com voz embargada que comunicou ao feitor.

Quem roubaria o cavalo do Capitão, moleque – reagiu o capataz, desconfiado com a notícia.

Auetê não dormiu naquela noite, preocupado. De madrugada saiu do castelo e ficou a chorar junto a uma pedra nas proximidades do Parnamirim, local onde deixara Relâmpago.

Do riacho vinham sons cadenciados, monótonos de água correndo sobre seixos.

Em meio àqueles sons, Auetê ouviu ao longe um relinchar contínuo. Então começou a caminhar pelas margens até onde as águas se ocultavam na mata próxima.

Sons mais fortes!

Não teve dúvida, penetrou no matagal sem medir perigo.

O relincho agora ocupava os sentidos do menininho aflito.

De repente, silêncio.

Auetê ficou imóvel com o que viu.

Relâmpago estava ali, o corpo iluminado, fosforescente como mensagem sobrenatural na consciência do indiozinho.

Auetê, sem reprimir o choro, feliz, correu e abraçou o cavalo.



Associação Nacional de Escritores-ANE
QUINTA LITERÁRIA

Convite
12 de novembro de 2020
(quinta-feira),
às 20h

Um certo magistral Veríssimo

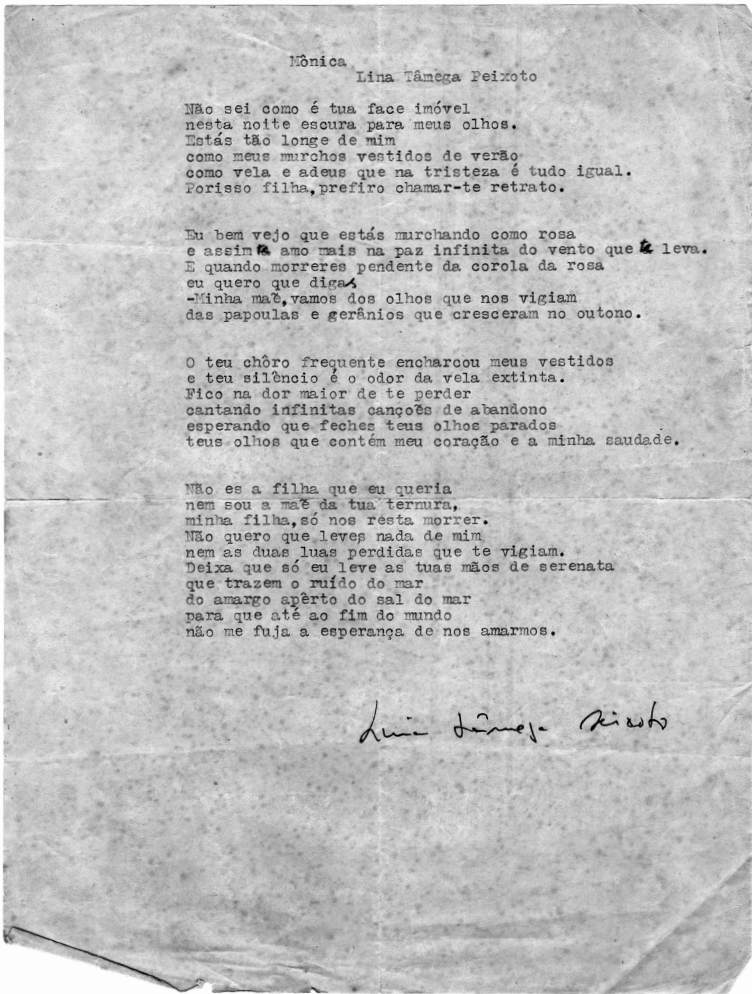
Palestrante: Sônia Helena

LOCAL: Auditório Cyro dos Anjos
END.: SEPS 707/907, Bloco F, Ed. Escritor Almeida Fischer
Tels.: (61) 3242-3642/3443-8207; contato.anedf@anenet.com.br; www.anenet.com.br

Entrada franca

MÔNICA

Lina Tâmega Peixoto



Não sei como é tua face imóvel
nesta noite escura para meus olhos.
Estás tão longe de mim
como meus murchos vestidos de verão
como vela e adeus que na tristeza é tudo igual.
Por isso, filha, prefiro chamar-te retrato.

Eu bem vejo que estás murchando como rosa
e assim te amo mais na paz infinita do vento que te leva.
E quando morreres pendente da corola da rosa
eu quero que digas
– Minha mãe, vamos dos olhos que nos vigiam
das papoulas e gerânios que cresceram no outono.

O teu choro frequente encharcou meus vestidos
e teu silêncio é o odor da vela extinta.
Fico na dor maior de te perder
cantando infinitas canções de abandono
esperando que feches teus olhos parados
teus olhos que contêm meu coração e a minha saudade.

Não és a filha que eu queria
nem sou a mãe da tua ternura,
minha filha, só nos resta morrer.
Não quero que leves nada de mim
nem as duas luas perdidas que te vigiam.
Deixa que só eu leve as tuas mãos de serenata
que trazem o ruído do mar
do amargo aperto do sal do mar
para que até ao fim do mundo
não me fuja a esperança de nos amarmos.

O PAPEL DO SUS

Manoel Hygino

Ruy Nedel é polivalente. Basta conferir sua biografia no Rio Grande do Sul, onde nasceu e vive, hoje, em Cerro Largo. É desses gaúchos que não dobram a cerviz diante dos desafios. Médico, político, escritor, professor universitário, foi assessor social do reitor da Universidade Federal de Brasília, integrou a Cirurgia Geral da então Faculdade Católica de Medicina da Santa Casa de Porto Alegre, hoje UFCSPA, membro da Comissão de Ordem Social da Assembleia Nacional Constituinte, que produziu o Capítulo do Índio e o SUS, em 1988.

Em seu “História – Estado – Povo”, livro que bem resume suas ideias, Nedel conta, muito resumidamente, sua atuação na Constituinte. Para ele, a Assembleia Nacional “promoveu e aclarou algumas funções de Estado e de governo”. O cidadão foi lembrado em inúmeros direitos. Não poderia seguir-se sonhando o direito previdenciário do trabalhador rural.

Criou-se um sistema de saúde universal – o SUS – Um sistema único, com três níveis de gestão: União, estados e municípios: Diretrizes nacionais para que o sistema fosse único: Assistência a cargo

do município, com auxílio técnico e financeiro dos estados e principalmente da União.

Os objetivos são nítidos e definidos: A regionalização e hierarquização em uma aldeia devem gozar dos mesmos direitos à alta complexidade que o das metrópoles. Isto é, um controle social com poder deliberativo. E trouxe os resultados esperados, embora as naturais dificuldades e resistências.

Como Nedel observa, o SUS trouxe à prática cotidiana a “questão da alta complexidade das variadas especializações da medicina, que – em muitas regiões – acabará funcionando melhor nas pequenas cidades em relação às grandes, devido às facilidades de acesso à assistência e encaminhamentos médico-terapêuticos”.

Agora, já se pode avaliar como foi importante a criação do Sistema Único de Saúde, embora o muito que ainda resta fazer para que alcance seu mais alto nível para servir à sociedade e ao homem. As próprias autoridades já lhe reconhecem a elevada valia, a despeito dos ainda poucos recursos com que a União beneficia o sistema, em termos financeiros. Se não fosse o SUS, a pandemia da Covid-19 teria sido uma tragédia ainda maior. É uma constatação e um aviso.

TUDO É

PASSAGEIRO

Kori Bolivia

O olvido está chegando
de ti, olhos de sombra,
nas folhas do outono.

Teu rosto é névoa...

Das flores que mandavas
só ficam na memória
pétalas adolescentes

tempo, espaço,
longe aquela lua
que cuidou os rastros
e uma bolinha de neve
que voou de uma calçada
para a outra,
entre ruidosos passos
e risadas passageiras

POESIA DE CLAUDINE M. D. DUARTE

INDÍCIOS

E, por segundos, bailamos soltos. Disputamos espaço com gotas de oxigênio, abaixo, acima e além.

Seria isso o que chamam horizonte?

Retorno ao meu labirinto, nosso labirinto.
Corredor escuro, matizes subterrâneos, camadas de eternidade.
Sigo com outros, iguais a mim. Crenados.
Companheiros de forma e de destino.
Seguimos, apenas. Sina desdobrada na geografia das veias – credo vermelho, único e absurdo.
Lado a lado, apoiados um no outro, a nado, respiramos uma monótona busca de momentos insólitos.

Seria isso o que chamam vida?

Sem baço que nos acolha, não experimentamos sonhos de fuga nem a evidência da morte.
Escutamos e obedecemos nosso ritmo. Parte seiva, parte visco, acato.
Sofro a certeza do passeio infinito.
Vago, condenado. Até o próximo baile, guardo em mim o flagrante de outro mundo, outra marcha. Retive o instante, a ilusão de me fazer presente. Espaço-tempo presente.

Seria isso o que chamam vertigem?

VEREDICTO

Descer. Subir.
Nada de novo: túnel comprido. Segunda, terças, obedecer... quartas: o perfume dela.
Subir, descer.
Quintas, sextas.
Tudo o que o foi, voltará a ser.
Engolir, vomitar.
Nada de novo: teclas, correntes, portas... outras portas. Uma lâmpada queimada.
Acima, abaixo: tudo é canseira e enfado.
Velhos conhecidos, bandidos.
No vinte e sete. No dezoito. Subir. Nada de novo.
Feriado. Vaidade. Quarta, cabelos loiros, lavanda.
Sete. Quanto desprezo...
Descer, abrir, fechar. Subir. *Canseira.* Nunca o sol.
Obedecer. A vida em intervalos.
Hoje, não. Despencar.

Fim.

MARIE, MULHER ADMIRÁVEL

Diogenes da Cunha Lima

Marie Curie (1867-1934) disse um Não à fortuna, ao poder, à glória, aos prazeres da vida parisiense. Só lhe interessou o saber, a ciência. Assim, tornou-se protagonista da História. Por duas vezes, marido e mulher, dois casais ganharam o Prêmio Nobel: Marie e Pierre Curie, Frédéric e Irène Joliot-Curie.

Marie foi um dos maiores gênios da humanidade, laureada como física e química, em 1903 e 1911. A polonesa, naturalizada francesa, dedicou a sua vida a trabalhar na transformação de matéria em energia. Identificou dois elementos mais poderosos que urânio, rádio e polônio, este, assim denominado, em homenagem ao seu País natal. Esses elementos são cem vezes mais potentes que o conhecido urânio. A radioatividade é sua descoberta maior.

Marie, filha de um pesquisador de física e de diretora de escola para mulheres, seguiu a vocação dos pais. Em sua época, a vida era muito difícil na Polônia, dominada pela Rússia. Em Varsóvia, ela se tornou autodidata, trabalhando, como governanta, para juntar dinheiro e emigrar. Aos 24 anos, transferiu-se para a capital francesa, onde residiam seus irmãos. Lá, a vida não foi menos dura. Trabalhou para se manter e estudar na Sorbonne. Passou fome, chegando a desmaiar em sala de aula, mas prosseguiu e terminou o curso em 1º lugar.

Apaixonou-se pelo também físico, Pierre Curie. Para gozarem a lua de mel viajando, conseguiram comprar duas bicicletas. O marido ensinava na Faculdade de Ciências. Passaram a trabalhar juntos. Conseguiram montar um tosco e improvisado

laboratório para desenvolver as pesquisas. Foi necessário juntar os salários para importar toneladas de matéria-prima, o metal importado da Tchecoslováquia. Extraíam de cada oito toneladas um grama do sal de rádio.

O amor não acabou com a morte de Pierre, em 1906, atropelado por uma carruagem. Ela escreveu a biografia do amado. E assumiu o seu lugar como catedrática da Sorbonne, quebrando a unanimidade masculina dos professores da Universidade. A sua tese de doutorado fora a base para a concessão do Prêmio Nobel.

Combativa, resiliente, combateu o bom combate. Durante a Primeira Guerra Mundial, orientou o socorro aos feridos e mutilados franceses. Chegou a dirigir uma ambulância.

Madame Curie deixou o legado de superação, iniciativa, vitória feminina, por ter sido uma das maiores mulheres da ciência de todos os tempos.

Em 1926, Marie e sua filha Irène passaram 45 dias no Brasil, fazendo palestras, contatando cientistas e incentivando a busca de conhecimentos. No Rio de Janeiro, em São Paulo e, sobretudo, em Minas Gerais, estimulou as pesquisas já iniciadas da radioterapia para tratamento do câncer.

Da mesma maneira que aconteceu com Alfred Nobel, inventor da dinamite, e com nosso Santos Dumont, as descobertas que fizeram para o bem (o tratamento de Neoplasma, entre outros) também serviram para o mal.

Vitimada por seu trabalho com radiação, Marie faleceu em consequência de uma anemia perniciosa. Seu corpo repousa no Panteão da França, ao lado de outros *Heróis da Pátria*.

DOIS POEMAS DE SÔNIA FERREIRA

ENVOLVIMENTO

Envolve-me
no feitiço de
um pé de murta.
Meu ritmo
distribui dengos,
sobre os caminhos
da cidade.

Benzo
a profundidade
das estradas.
Benzo
as surpresas do cerrado.
Benzo a rede
que acalenta o choro
saído
do doce colo de mãe.

SONHO

Valsas nas aspirações
dos anjos e dos deuses
rodopiam nas pontas dos pés.
(As sapatilhas do mundo
calçam meses e anos
no calendário
do tempo).

– E o sonho
durou?
– E o mundo
acordou?

(do livro *Encantamento*, 2011)

ODE À SIBIPIRUNA

Ana Paula Arendt

Ó césar do bosque, ó árvore cesalpínia, de copa volumosa sobre o dossel da floresta, com mangueiras graciosas. Ó verça crochettata de verde, de folhinhas finas, nervuosas... Em ti a arte da delicadeza, de ramificar tua canção sobre a rua em que vives; de propagar-se até o menor detalhe, em vales, ribanceiras e aclives. Vieste a mim em um revezamento de esperança: a sibipiruna havia entrado em risco de extinção, quando eu era criança. E na palma feliz de minhas mãos pequenas, a planta serena e muda; num envelope, as tuas pastilhas vermelhas e miúdas. Não tinham o gosto doce das minhas utopias, duras demais para mastigar! Os índios as carregavam aos muitos, com sementes de jarina e açaí, em colar. E sem saber o peso desses grandes ornamentos, o meu dever de semear o sonho de árvore em outubro: nos descampados da mata e em vertigens caiçaras, para crescer as contas polidas de brilho rubro. Os moleques correndo na praça souberam da árvore, então desconhecida; e à prima do flamboyant, todos já faziam guarida, nos bulevares e nos outeiros, nos bosques estalajadeiros de toda espécie de vida pulsante. As árvores semeavam ao vento, mas mãos humanas se fizeram ajudantes. Os vizinhos se perguntavam: e como estão as tuas sibipirunas hoje? Despontaram, pouco a pouco, meio à fauna e menos bojes: tuas folhas delicadas, com solo macio de fazer tapetes. Junto ao rosto, tão suave, a camurça dos teus ramalhetes... E varredores foram contratados para espanar teus presentes: de ter emprego muito contentes, as caboclas e a gente parada. A lua reluzia sobre a tua frança de flores amareladas. Vegetação apenas de nossa terra e civilização, nativas as tuas revoadas. Refulgente sob os raios de luz filtrada, as tuas capelas abertas, onde rezam os sabiás. Ó sibipiruna! É primavera, e o morototó te chama para brincar... És castelo antigo de mil borboletas flavescentes sobre uma coluna lúrida; columpias de sossego, submissa à brisa. Majestosa, peneira o dia veemente, basculante em regos: bailarina, sacerdotisa...! Os solidagos sonham com a altura de tuas varas douradas, com teus racemos de

pétalas cróceas em constraste, com os cachos glaucos de pequenos imperadores chineses de robe jalde em teus porches. Ó árvore tersa de gesto brando, amiga do que te assopra a haste! Convicta de verde, perene do que te ocorre: dando frutos do que te escorche... Pela noite dormes! Os pontos rendados de teu vestido fresco se dobram, enquanto a lenha de tuas ervilhas se estala sobre as calçadas. E ladrilhos macios desprendidos de teus galhos de ouro... Desembainhávamos, pela noite artificial, teu encanto vindouro. Subíamos os meandros de tuas raízes ressaídas, puxando a ramagem de tuas folhas, para coroar cabelos de confete carnavalesco, com tua vida. Tua seiva pulsando, prosseguindo vagens de valvas, explodindo desde a brandura frondosa as sementes indestrutíveis de teus andares... Sibipiruna, agora és canção em muitos lugares! Teus galhos macios a coberta dos pássaros em noite fria, os teus cachos vistosos a moldura do céu azul de dia; o amarelo pungente coisa augusta que as abelhas rainhas vestem em seus colos para receber mais beijos... E tudo que nos dás, nada custa, o teu frescor salva da selva de concreto em que nos vejo. Quando bem rara invocas teu domínio solto que livras da pedra e, escondida no sono, uma canção de encanto me quebras... Sobre o bem de viver sob a tua sombra gentil o verbasco nos canta. Ai.! Mas cai um corpo debaixo de sol, sem a sombra gentil de teu crivo em manta! Ai! O pesadelo de viver sem tua música santa, sob o domínio ininterrupto da eletricidade, sem os teus botões que nos tombam de leve! Sem teu abraço feito de flores tantas, como nos sacode copiosas lágrimas um nó na garganta, como o frio se desfaz em muitos flocos de neve... Sem que o orvalho numeroso à nuvem se eleve, precipitando, com o vento forte, a boa chuva tanta. Sibipiruna, me responda: diga ali, diga em ondas... Quando iremos fazer parte da tua melodia mansa de arrefecer os calores que nos incomodam, quando iremos criar os fatos que nos norteiam rumo aos que de nós discordam, espalhando imagens corrediças, desde a força geratriz de uma florada fulgurante? Quando faremos

de nossas sementes as pulseiras de lembrar de nosso semelhante....? Quando teremos de nosso crescimento uma incessante paisagem? Como a dor e o luto cessarão com nossas palavras de antes, igual coas de solo e chuva a tua fina mensagem? Ergues um caule resoluto, para se abrir sobre as trilhas, verdecer as pracinhas, ornar os passeios... Abres tua casca de sangue, perfeita como asas de joaninha, germinas desde o que é duro, mínimo e feio. Sibipiruna, me responda: diga ali, diga em ondas... Quando seremos detalhe sem retalho, guardando o musgo, o amendoim e a calêndula? Filtrando as pancadas de borrasca com galhos finos, regando em gotas a relva e os seus inquilinos, pela bruma desta manhã tristonha e pêndula... Ó testemunha silenciosa das minhas pálpebras se abrindo, quando o sonho se esconde! Antes da aurora, velaste o nosso sono, toda aberta em venação das frondes. Jamais dicotômicas, tuas nervuras reticulam, tuas folhas ramificam. Os pontos de teu indumento se pintam de sol, porque dele praticam... E assim ele te deu látiros da mesma cor cheios, presente do rumo celestial de teus afáveis anseios. Mas, sibipiruna, me responda... Diga ali, diga em ondas... Quando seremos auriverdes com os frutos brasis que tu nos fazes? Quando morrerão semente o prazer da indignação, o instinto esganado, os pessimismos contumazes? Quero teus gestos humildes de fazer chão macio aos pés descalços de curumim, com grãos duradouros do envio de centenas de pequenas esperanças, de crescer no jardim, acolhendo outras árvores tuas... Rastreado nascentes e lençóis, com raízes salientes e nuas; custodiando os arbustos, orquídeas, samambaias, irapuãs e pássaros... Ser antídoto do grito rude e dos brados sáfaros, com lastro em tua alaestrada abundância! Quando teremos acomodado o nosso princípio desde um caroço sem circunstância...? Ó sibipiruna, me responda. Diga ali, diga em ondas... Quando teremos entregado as nossas partes distintas à palma da mão humana, para dela consagrar beleza de nosso esforço? Jamais extinta, agreste e urbana; de ser brasileira, nenhum remorso...

TORCIDA DO CAFUNDÓ

Napoleão Valadares

Carro de boi teve época, figurando como o principal meio de transporte de algumas regiões. Utilizavam-se tropas de cavalos e burros, mas o carro-chefe do transporte era o carro de boi. E tinha seus caprichos. Os bois, normalmente aparelhados, quer dizer, parecidos os que compunham cada junta. Podiam até ser gêmeos. E havia casos em que todos os bois dum carro eram da mesma cor.

Os carreiros traziam a tralha nos trinquês, bem ensebados os tamoeiros, as brochas, os rabos de tiradeiras, tudo o que fosse de relho. Com um bom azeite de mamona para o eixo, a cantiga saía no tom desejado. E as pessoas conheciam a cantiga de cada carro. Vindo um ao longe, o sujeito já dizia que era o carro tal. Tinham como curiosidade roceira o fato de quase todas as peças terem seus nomes começados com a letra c: canga, canzil, cabeçalho, chavelha, cheda, cocão, cantadeira, cambota. E o próprio carro.

E a cantiga...

Certos bois tinham suas famas nas redondezas e nas quadradezas. Conhecidos de nomes do outro lado de rios e de serras. Uns, de cabeçalho, admirados pelo poder de segurar um carro carregado na descida duma ladeira. Outros, de guia, com os nomes ligados à capacidade de puxar. Diz-se que bate o que puxa mais, o que vai puxando à frente daquele com o qual está encangado. Assim, o melhor boi de guia duma fazenda provocava a vontade de ser visto em competição com o melhor de outra, disso vindo discussões, rivalidades, bate-bocas.

E um dia, falando sobre bois de carro, Tenté e Vadu emendaram conversa até chegarem aos seus próprios, cada um apontando qualidades. Tenté tinha um curraleirão amarelo, chamado Chatinho, afamado em muitas léguas das beiras da Serra do Meio. E Vadu tinha um chitado de roxo, meio cumbuco, por nome Chitão, de fama esparramada pelas bandas do Cafundó e do São Miguel. Acabaram combinando para botarem o boi do Tamboril e o do Cafundó numa disputa. Chatinho e Chitão à guia

dum carro bem carregado para se ver o que batia, que puxava à frente. Isso, com aposta celebrada: o dono do vencedor ganharia o boi do outro.

Tenté mandou Chatinho para o Cafundó. A notícia espalhou-se e o povo ficou esperando o dia, contando nos dedos. Queria saber e, se pudesse, queria também ver em que ia dar a porfia daqueles bois que tinham agora suas famas ampliadas. Não se falava em outra coisa do Mangues ao Marques, de Sagarana a Morrinhos.

Tempos depois, fez-se a carreagem, comandada por Jó, tendo Zé Mestrança como guieiro. Atopetaram o carro de cana até nas pontas dos fueiros e foram levando devagar. Na guia, Chatinho e Chitão. No meio, Moderno e Soberano. No cabeçalho, Baião e Castelo. Dentro da Gameleira, pararam um pouco. Os bois beberam, tomaram fôlego. E, então, tocou-se. O povaréu, lá fora, em cima da ladeira, para ver o resultado. E viu. A canga em inclinada vantagem, Chitão puxando à frente. E os torcedores abriram o grito: – Chitão, Chitão, Chitão!

ASTRONOMIA

Raquel Naveira

Acompanhamos com orgulho a notícia de que Marcelo Gleiser, astrônomo brasileiro, pesquisador nos EUA, recebeu o Prêmio *Templeton*, o “Nobel da Espiritualidade”. Há mesmo misticismo nos títulos de seus livros como *A Dança do Universo*, *Poeira das Estrelas*, *Mundos Invisíveis*, *O Fim da Terra e do Céu*. Como cientista, declarou que o conhecimento no mundo sempre será limitado, que só se vê parte da realidade e que é necessária a conexão com o mistério. Seu trabalho tem foco social, ético, de salvar nosso planeta e nossa espécie.

Por algum tempo, na infância, tive vontade de ser astrônoma, de estudar a origem e os movimentos dos corpos celestes; observar com um telescópio os planetas, as nebulosas, os aglomerados de astros e galáxias. Tudo começou quando fui levada ao Observatório Astronômico de São Paulo, o Planetário do Ibirapuera, que parecia um disco-voador pousado entre as árvores do parque. A cúpula brilhante prometia uma viagem ao espaço sideral. Na sala escura era grande a sensação de imersão no cosmos. Um projetor de última geração jogava imagens na abóbada de chapas de alumínio: os trópicos, o zodíaco, as navegações por mares celestes, os astros representados em cores reais, a simulação de nuvens e tempestades. Mas o mais belo era o Sol atravessando como uma carruagem de fogo, desde o seu raiar até o momento de se pôr. Fui então matriculada na escola do Observatório que ministrava aulas de astronomia para crianças. Percebi logo que essa ciência tão antiga envolvia química, cálculos matemáticos na base de

milhões de anos-luz e desanimei. Mas aquele fascínio pelo céu ficou marcado e cresceu dentro de mim.

Como consolo, viajei com a boneca Emília, do *Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato, pelo céu, na cauda de um cometa, numa aventura inimaginável. Fui apresentada às estrelas, andei pela superfície branca e porosa da Lua, escorreguei pela Via-Láctea e pelos anéis de Saturno, causando pânico e aflição aos astrônomos aqui da Terra que não sabiam o que estava acontecendo.

Depois, recebi da escritora carioca Roseana Murray um livro de capa azul, cheio de estrelinhas brancas, chamado *Lições de Astronomia*. Na apresentação, ela pede desculpas aos astrônomos, diz não entender nada do assunto, que só consegue distinguir o Cruzeiro do Sul e as Três Marias, mas que, olhando para o céu, sente pulsar em si mesma infinitos enigmas. Teve a ideia de relacionar as coisas celestes com seus sentimentos como a melancolia do crepúsculo, naquela hora “em que o dia não é mais dia/ em que a noite/ não é noite ainda,/ tudo é magia,/ e o céu parece veludo furta-cor/ escorrendo das mãos vazias.”

O meu delírio de vigia noturna transformou-se no sonho de ir mais além, de ser viajante espacial, marinheira navegante, capaz de furar a órbita da atmosfera num foguete pilotado por mim com mãos seguras, escudo térmico e capacete de oxigênio. Como a famosa Peggy Whistson, astronauta americana, eu passaria 665 dias fora do planeta. De um lado da nave, a Terra toda azul, maravilhosa, surpreendente. Do outro, o negrume espesso do firmamento. Registraria

minha vida cotidiana na ausência de gravidade, dando cambalhotas, brincando com a forma dos líquidos nas superfícies, leve como uma pluma, serpente descamando peles. O meu conceito de lar mudaria, a minha casa seria apenas um ponto minúsculo, uma fazenda distante, um útero de mãe esquecido, uma bolha ambulante. Que travessia épica eu faria pelo espaço! Mais importante que a de Ulisses de volta à ilha de Ítaca, seu reino perdido.

Claro que me perguntaria o tempo todo se haveria mais vida inteligente no universo. Afinal, na minha adolescência, o livro *Eram os deuses astronautas?*, do suíço Erich Von Däniken era sucesso absoluto. Sua teoria estapafúrdia afirmava que os deuses de todas as mitologias eram seres alienígenas que trouxeram técnicas e conhecimentos avançados para os humanos primitivos, oriundos dos primatas. Havia ilustrações das colossais pirâmides do Egito, de enormes estátuas e desenhos dos deuses gregos. Sem compromisso com a arqueologia, sem compaixão pelo sangue e pela força bruta dos homens, a leitura era puro entretenimento. E eu ia misturando astronomia e mitologia na minha cabeça cheia de indagações metafísicas sobre tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será. Até que um dia encontrei o Cristo, figura antropomórfica e divina, cintilando no céu e nas minhas próprias e inexploradas entranhas.

Meu desejo de ser astrônoma era apenas a revelação da minha essência, mas creio, sinceramente, que Marcelo Gleiser seja capaz de ensinar Física para Poetas.

PLANTE ESSA IDEIA

Oswaldo Bertolino de Araújo

Eu sempre vejo, pela televisão, jornais e revistas, grandes jornalistas, educadores e políticos questionando o meio ambiente e especialmente o desmatamento. Nunca vi, entretanto, alguém ensinando a germinar uma muda: seja de árvores frutíferas, ornamentais ou comerciais.

Quem sabe se cobrássemos de nossos representantes políticos a criação de uma legislação que regulamente e incentive o reflorestamento, especialmente por meio da educação e do ensino de como germinar uma semente ou cultivar uma muda. Isso poderia ser gerenciado pela EMBRAPA, visto o seu grande saber no desenvolvimento da agricultura.

O reflorestamento poderia ter início próximo aos mananciais de água. Margens do rio São Francisco, por exemplo, grandes lagos, urbanos ou interioranos, nos quais é despejados todo tipo de poluição, inclusive remunerando os ribeirinhos ou moradores no entorno dos grandes lagos para vigiar, limpar e zelar pela conservação e manutenção desses mananciais.

Já pensou se cada brasileiro competente (sadio e maior e 18 anos) germinasse pelo menos

uma única árvore por ano. Pode ser até dentro de casa, num cantinho, no quintal, num vaso etc... Seriam milhões de árvores por ano, talvez uma selva amazônica. Já imaginou em 20 anos?

Não se educa para isso, somente sabem combater o desmatamento.

Quantas sementes você já jogou fora este ano? Quantas mudas você já germinou em sua vida?

Pense nisso, vamos educar e incentivar as pessoas a plantar, além de respeitar e preservar a natureza.

A natureza está aí para nos servir, sem ela não existiria vida. Aliás, o ser humano só apareceu depois que a natureza já estava pronta, para servi-lo.

Vamos plantar e cuidar de árvores frutíferas nas praças públicas, nos jardins, nos canteiros das ruas, elas irão ajudar a matar a fome dos desvalidos.

Se quiséssemos, por exemplo, Brasília poderia ser um verdadeiro pomar, devido aos espaços que tem.

Quanta gente poderia matar a fome, passeando ou vagando pelas quadras de Brasília?

Plante essa ideia.

PAISAGEM ANTIGA

José Carlos da Fonseca

Era um circo modesto, suburbano, coberto pela lona remendada, que ali vinha instalar-se todo ano para gáudio daquela meninada.

No lado esburacado de seu pano, que escondia a toska arquibancada, ficava, sem causar o menor dano, espiando, feliz, a garotada.

Eu também ia olhar aquela cena, através de uma fresta tão pequena que os artistas sumiam na distância.

E ficava eu ali, horas a fio, assistindo ao palhaço em rodopio no velho picadeiro da infância.

EPIFANIA

André Galvão

Decidiu não voltar mais. Estava cansado de tudo aquilo. Tantas idas e vindas e agora... ah, deixa pra lá. Melhor tentar outro caminho, buscar razão em outras ideias, outros pensamentos.

Os sentimentos são mesmo assim. Nunca têm razão em si mesmos, obedecem a uma lógica estreita e imprevisível, que pra muitos não é nem mesmo lógica. A paz é ceifada em instantes por um arrebatamento tal que descontrola toda a vida por instantes, dias, meses...

Ele sabia que não era possível se esconder do que acontecera. Sabia também que esse sentimento não era recíproco. Aquilo não haveria sido tão importante pra ela como fora pra ele. Difícil era aceitar isso, engolir essa verdade dura e absoluta. O descaso e a ironia eram provas inequívocas de que para ela, tudo não havia passado de uma aventura, boba e fútil, talvez.

Era melhor seguir, fazer de conta que nada acontecera, esconder dentro de si as trombetas que anunciavam a vontade de gritar, de questionar, de querer entender o porquê da situação. Mas nada mudaria, sua consciência disso oscilava em meio à perda esperança de que ela mudasse tudo com um sorriso, um aceno, um olhar.

E assim passaram os dias, envoltos em velada expectativa e uma angústia incontável. Como previa, os encontros foram inevitáveis, mas ao contrário do que mais intimamente esperava, foram frios e formais. Sempre imaginava ouvir dela uma palavra de carinho, ou mesmo perceber nela um olhar desavisado, intuitivo, deixando no ar possibilidades de esperança. Mas não aconteceu assim.

O tempo, que se encarrega de varrer o lixo da sala dos nossos pensamentos, se mostrava de forma cada vez mais definitiva como único aliado em sua estrada. Seria o tempo o responsável por expurgar do seu peito aquele grito entalado, aquela dor cortante, aquele sentimento de perda sem explicação.

Mas como contar com o tempo diante da pressa comum da juventude? Às vezes é tão difícil acreditar que o futuro chega mesmo! Tudo é tão instantâneo que chega a ser sufocante, embriagado da necessidade de acontecer. Com o amor não poderia ser diferente.

Durante semanas, ele insistia em passar ao lado do prédio onde ela trabalhava. Lá não entrava, é claro, não podia se expor tanto assim. Mas dava insistentes voltas no quarteirão, na expectativa de se esbarrar com ela na entrada do prédio. Escolhia momentos estratégicos, como horário de almoço ou de saída, mas não dava sorte: quando a via, ela acenava pra ele sem muito ânimo, mais como uma exigência social que como uma vontade de falar com ele. E sempre cercada de pessoas, amigos, amigas, colegas, possíveis pretendentes... era tudo imprevisível e sombrio.

O que restava era o trabalho, o estudo, apesar de estarem amplamente comprometidos pelo desatino das últimas semanas. Pra piorar, não tinha ninguém por perto com quem pudesse se abrir, chorar, gritar, botar pra fora aquele sofrimento incontido. As coisas caminhavam

firmente rumo ao fim, a um desfecho sem graça e sem solução.

Chovia fino naquela manhã. O sol teimava em se esquivar ante as nuvens, mas não tinha forças pra isso. Depois de tanto tempo alimentando e simultaneamente tentando matar um amor inexplicável dentro de si, ele se percebe em letargia, transitando entre a esperança e a desilusão em segundos, e realizava suas tarefas com um automatismo incomum a sua rotina. Eis que ela chega, entra pela porta, como se sol finalmente tivesse conseguido romper as nuvens que o impediam de inundar com seus raios a existência.

Como uma miragem, ele vê aquele olhar, como naquela noite distante, um olhar que parecia querer viajar na profundidade dos seus olhos, desvendar seus pensamentos e segredos. O coração disparou. Parou o que estava fazendo e pôs-se a acompanhar aquele olhar, como se cada segundo correspondesse a um lapso atemporal. Naqueles segundos que se arrastavam enquanto ela se aproximava, milhares de pensamentos invadiam seu cérebro confuso, e até mesmo as ideias pareciam gaguejar.

Engoliu em seco. Ela chegou, abriu um sorriso tímido, parou diante dele. O tempo continuava parado no universo, o mundo inteiro perdera a conexão com a realidade. Lembrou-se de uma música, quis cantá-la mentalmente, mas seria impossível ordenar qualquer coisa naquele momento.

Tentou falar, não conseguiu. Restava esperar que ela conseguisse. Ela estava abatida, parecia triste, e aquilo o angustiara ainda mais. Ele se levantou, se aproximou dela e ela correspondeu com um abraço terno, forte, sofrido.

Sentiu no seu rosto as lágrimas que escorriam dos olhos dela, e eram fortes, constantes. Tentou desvencilhar-se do abraço e olhá-la nos olhos, mas ela não permitiu. Continuaram ali, abraçados, para estranheza e curiosidade dos que por ali passavam. Depois dos minutos mais longos da eternidade, ela juntou forças, e com a voz embargada, com gosto de lágrima na boca, sussurrou no ouvido dele: “Eu também te amo!”.

Agora ele também chorava, mas não sabia se de tristeza por ela, ou de alegria por ele, apenas não conseguia definir o que sentia. Até que ela desfez o abraço, olhou profundamente para ele, deu um sorriso sem graça, enxugou as lágrimas e saiu pela porta, com uma pressa discreta de quem não quer chamar ainda mais a atenção das pessoas.

Ela pediu demissão do trabalho, mudou-se de cidade e os amigos contavam que não sabiam a razão e que também não sabiam para onde tinha ido. Aquele olhar foi a última miragem que ele teve na vida. Nunca esqueceria aquela voz, aquele cheiro, aquelas mãos frias e trêmulas.

Restava saborear a tristeza como quem se surpreende com a chegada da alegria. Ele era correspondido em seu amor, e essa certeza o conduziria por toda sua vida, mesmo sozinho.

FINALISMO

Terezy Godoi

Não foi uma simples aragem
que impeliu a porta do Passado,
fechando-a
para todo o sempre.

Não foi um gesto
despreocupado
de criança que passa,
afoita,
sem olhar para trás...

Não foi o braço irado
do neurastênico,
que não suporta ser visto
pelos de fora...

Não foi
a mão trêmula do ancião,
que prefere o aconchego
de um quarto fechado...

Não foi a jovem mãe cautelosa
que protege seu bebê
contra as correntes de ar...

E nem foi, tampouco,
o filósofo,
que a fechou sem saber por quê...

Não!
Ninguém tomou parte
nesse ato,
que foi lúcido,
voluntário,
imperioso,
consequência
de um apelo
secular.

Apelo
que não surgiu da aragem,
nem da criança,
nem do neurastênico,
nem do velho
ou da jovem mãe,
e muito menos
do filósofo.
Mas apelo doloroso,
sofrido
e desfigurado,
qual naufrago de tempestade
ou restolho de tormentas
irremediáveis.

Apelo
surgido
de duas almas
duramente
agrilhoadas
pelas incompatibilidades
transcendentais...

AINDA LITERATURA E MEMÓRIA

M. Paulo Nunes

Em uma das últimas notas aqui publicadas, a propósito de uma referência feita pelo romancista José Saramago, em seus *Cadernos de Lanzarote*, à presença da memória como um continente a redescobrir, no processo da elaboração da obra de arte, retomamos agora o assunto, no que tange à obra de Proust, ali apenas referida de passagem.

O ensaísta francês Jean François Revel, em seu notável estudo sobre o autor de *A la Recherche*, intitulado, em sua versão espanhola, que é a que temos em mãos, *Sobre Proust* (Fondo de Cultura Económica, México, 1988), afirma no Prólogo daquela obra um fato que vem melhor explicitar o que dissemos antes e aqui citamos na tradução espanhola de Jesús Morán, para evitar traduzirmos o que já foi traduzido de forma impecável.

“Ciertamente, quanto más importantes son los personajes de la Recherche, más se construyen a partir de diversas fuentes: Charlus es a la vez – o, más bien, en orden sucesivo – Montesquiou y el barón Doasan; Rachel es a la vez Mlle. de Marsy y Luisa de Mornand; la duquesa de Guermantes es, sucesivamente, Mme. de Cheviñé, Mme. de Greffulhe y Mme. Strauss; la abuela de Proust leía y citaba bien a Mme. de Sevigné, pero el relato de su agonía en el libro corresponde al de la muerte de su madre en la realidad, con la participación de cierto doctor de Boulbon” (ob. cit., p.12).

É certo que os dados da realidade ou da memória são mais verificáveis numa obra desse tipo, ou seja, em “uma autobiografia criadora”, como a denomina um de seus biógrafos, George

D. Painter, em obra famosa (*Marcel Proust, uma biografia*, tradução de Fernando Py, Editora Guanabara, 1990).

Para o autor anteriormente citado, a imaginação proustiana não é o que foge da realidade, senão o que ajuda a vê-la.

O próprio Proust tomaria consciência dessa função da imaginação através de Ruskin para quem “o poeta é uma espécie de amanuense que escreve ao ditado da natureza; o dever do escritor não é imaginar, (no sentido de inventar dos pés à cabeça), senão o de “perceber” (grifo nosso) a realidade” (ob. cit., p. 15).

Outro dado importante da obra de Proust, já assinalado por vários de seus biógrafos e estudiosos e constitui um dos dogmas mais venerados da história da literatura, é o da sua homossexualidade que, segundo Painter, não era exclusiva. O próprio Proust, segundo JFR, é a própria fonte desse dogma, uma vez que, de acordo com uma célebre passagem do *Diário* de André Gide, outro invertido famoso na literatura, faz profissão de fé no sentido de “que só espiritualmente amou as mulheres e que não conheceu o amor senão com homens” (ob. cit., p. 13).

Este é um assunto que mereceria maior desdobramento no estudo da obra daquele genial romancista, um dos maiores de todos os tempos, que um simples artigo de jornal não comportaria, inclusive sobre aquele pressuposto da crítica biográfica negado por Painter, de que seriam rapazes as personagens femininas de seu convívio, como Gilberta e Albertina, as sedutoras

raparigas em flor que povoam aquele belo quase romance à parte da *Recherche* que é *À sombra das raparigas em flor*. Isto porque, segundo ainda François Revel, “há uma intuição e um amor à feminilidade que impedem considerar todas as moças, solteiras ou casadas que ama o narrador, como rapazes disfarçados”. (Idem).

Finalmente, a parte mais importante que anotamos nesta rápida abordagem da obra que comentamos e que se refere especificamente ao tema de Marcel Proust e que foi objeto de uma observação que fizemos no decorrer de uma palestra proferida no Seminário Acadêmico sobre José Américo de Almeida há pouco realizado. É que ele, para Revel, não tem escrúpulos em exaltar os ridículos daquela gente, quando verdadeiramente o que ela realiza – não tem sentido algum. Pois, acrescenta ele, o ócio das personagens da *Recherche* não constitui então uma circunstância social fortuita. É menos o feito de uma classe em particular do que o fundo necessário para a aparição dos aspectos do homem que descreve. Para concluir: “Este é o ‘tema’ em Proust. Pois, que é um grande escritor senão aquele que encontra um Tema?” (ob. cit., p. 79).

Assim, pela memória involuntária, depositada em camadas profundas no subconsciente e em todos os poros de sua rica personalidade, reconstitui Proust, naquela obra imorredoura, todo o mundo policolor daquela sociedade do fim do século XIX em processo de desaparecimento, para dar-lhe perenidade através da obra de arte.

UMA LEITURA DE DESMANCHE I, DE SALOMÃO SOUSA

Alexandra Vieira de Almeida

O mito atravessa o tempo e chega à era tecnológica. O herói busca uma resposta no mundo contemporâneo, que se esfacela, como areia no vento. A poesia de Salomão Sousa em *Desmanche* I adentrou todos os meus poros com todos os seus significados submersos e originais. A escrita deste poeta magistral não é para os acostumados às facilidades da pequena tessitura, aquela que é comunicável facilmente, como nos meios midiáticos. A poesia de Salomão Sousa tem muito a nos dizer, mas, a partir, paradoxalmente, do incomunicável, do que não pode ser simplesmente identificado por uma memória anêmica em sentidos diversos. Nesse livro excepcional, por sua inventividade e complexidade, somos convidados a navegar pelo mundo dos deuses, dos heróis e dos humanos. Tanto adentramos as esferas mais sublimes, como o submundo do caos e da podridão. As imagens inusitadas de sua verve lírica nos conduzem a uma estrada multiplicadora dos nós, a nos apertarem e a nos consumirem na chama do delírio.

No poema “o desmanche de um homem”, somos levados pelos símbolos fragmentados do mundo em seu

contínuo esfacelamento: “O dia não se apresenta/tão logo acaba a noite?” A vacuidade da experiência, o que resta, é o vislumbre do abismo. Salomão Sousa consegue, com difícil proeza, fazer a viagem, traçar a ponte, entre o inatingível e o próximo, o antigo, como o mundo grego e Bizâncio, e o faroeste urbano com suas violências, desmandos e desfazimentos no pó da vida. As referências míticas, históricas e literárias são várias e nos conduzem por sua escrita que congrega o erudito e o popular, o hermético e o concreto. O silêncio que ele busca se encontra na pluralidade de imagens díspares a açoitarem nossas costas costumeiras e límpidas. Salomão Sousa diz: “Os navios ocupam o vácuo do que foi/a linha do horizonte em frente às cidades”. Sua poética é um constante desconstruir das bases ocidentais de uma racionalidade engessada. Seu transbordar literário fere de morte o óbvio e nos traz a singularidade de um sol que erode as páginas da experiência, para fazer desta um desmanchar de um real imediato e simplório. Sua poesia é crítica e reflexiva, mas com a densidade, também, do mítico, a percorrer a malha fina de seus segredos líricos.

O GURGUEIA

Mardson Soares

Salve, Água das Chapadas!
Quimera esmeralda no Sertão
Que outra virá desaguar
No mar do Vale à amplidão?

Perene, fulgurosa à Seca
Das margens
As cidades do nome Rio
Pusera em cada nome seu
Gurgueia, da terra de gentio.

Que Bandeirante desbravou em ermo
Arriba Piauí surgiu
E Terras por mais frondosas
Guardado fruto fértil pariu.